



<https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v14.1086>

## O corpo sem órgãos como campo de efetuação de um processo esquizofrênico revolucionário

*Body without organs as a field for the realization of a revolutionary schizophrenic process*

Carlos Machado<sup>1</sup>

### Resumo

Capitalismo e esquizofrenia é uma obra escrita em dois volumes e à quatro mãos. A principal tarefa em ler *O anti-Édipo* e *Mil Platôs* é descobrir de que forma estes dois livros estão articulados e onde se encontram as suas diferenças. O que gostaríamos de fazer neste artigo é articular os dois volumes a partir de um conceito fundamental que os atravessa, que é o conceito de corpo sem órgãos. Queremos dar conta de como, através dele, o campo da produção desejante se desdobra, de como se constitui uma teoria do desejo a partir da produção maquínica que implicará nos polos paranoico-reacionário e esquizofrênico-revolucionário e de como estes polos se relacionam a partir da micropolítica das segmentaridades. Se Foucault afirmou que *O anti-Édipo* era um livro de ética, diríamos que o conjunto de Capitalismo e esquizofrenia é uma cartografia que nos orienta sob o ponto de vista da micropolítica, com vistas a apontar o caminho da revolução.

Palavras-chave: Deleuze. Guattari. Corpo sem órgãos. Molar. Molecular. Revolução.

### Abstract

Capitalism and Schizophrenia is a work written in two volumes and in four hands. The main task in reading *Anti-Oedipus* and *A Thousand Plateaus* is to discover how these two books are connected and where their differences lie. What we would like to do in this article is to articulate the two volumes based on a fundamental concept that crosses them, which is the concept of a body without organs. We want to account for how the field of desiring production unfolds through it, how a theory of desire is constituted from the machinic production that will imply the paranoid-reactionary and schizophrenic-revolutionary poles and how these poles are related from micropolitics of segmentarities. If Foucault stated that *Anti-Oedipus* was a book on ethics, we would say that the set of Capitalism and Schizophrenia is a cartography that guides us from the point of view of micropolitics, with a view to pointing the way to revolution.

Keywords: Deleuze. Guattari. Body without organs. Molar. Molecular. Revolution.

---

<sup>1</sup> Mestre e doutorando em filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto -FLUP.  
E-mail: [petrus166@gmail.com](mailto:petrus166@gmail.com); Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0774-972X>

## Introdução

De que trata *O anti-Édipo*? Ele trata da chegada a novas terras, mas não, porém, sem antes discutir a formação das antigas terras que agora são abandonadas. A viagem indicada pelo livro atravessa o campo da produção desejante e se permite propor de que maneira o desejo se manifesta na escala do conjunto da sociedade, chegando assim a uma teoria do desejo na história. Tratava-se de pensar o desejo não como uma superestrutura subjetiva, mas fazer passá-lo para o lado da infraestrutura e para o lado da produção. Para alcançar este intento seria necessário, então, abandonar uma abordagem do inconsciente operada através da neurose e da família para lidar com as máquinas desejantes a partir de processos esquizofrênicos. Aqui, máquinas e desejo se combinam a partir da noção de fluxo, atravessam as organizações da sociedade e comportam uma dimensão molecular que irá se formar nas grandes máquinas sociais molares. Máquinas que não querem dizer nada, mas que funcionam a produzir e a desarranjar em seu fluxo as estruturas e os organismos. As máquinas desejantes são postas por Deleuze e Guattari como acoplamentos de máquinas, peças de máquinas, fluxos e cortes de fluxos num circuito que não se confunde com um organismo, uma vez que os órgãos são substituídos por máquinas e peças que cortam e acoplam fluxos na medida em que o desejo lhe investe. Esse circuito desejante é composto de fluxos do desejo cortado por máquinas ou peças de máquinas, onde o desejo é o encontro ou o não encontro de fluxos. Deleuze e Guattari dizem:

Isso funciona em toda a parte: às vezes sem parar, outras vezes descontinuamente. Isso respira, isso aquece, isso come. Isso caga, isso fode. Mas que erro ter dito o isso. Há tão somente máquinas em toda a parte, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com seus acoplamentos, suas conexões (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 11).

Seguir a viagem dos fluxos e sua distribuição a partir de máquinas produtoras tem como objetivo poder identificar em que medida os fluxos se referenciam, são coordenados ou territorializados ou, ao contrário, se desdobram e fogem. Saber identificar em que medida a produção de desejo irá se associar com investimentos conformistas, reacionários e fascizantes ou a investimentos revolucionários de uma fuga esquizofrênica, requer que saibamos, de saída, distinguir o momento que a produção desejante se cristaliza em produções sociais determinadas ou o

momento em que se instalam máquinas de guerra revolucionárias. Poder seguir os “fluxos que escorrem sobre o corpo pleno poroso de um socius — eis o objeto do desejo, mais elevado que todos os objetivos” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 459). Da mesma forma que o desejo é sempre constitutivo de um campo social como produção social, a produção está no desejo como produção desejanter. Isso remete à ideia de dois polos da produção através das formações moleculares e das formações molares que obedecem a mesma disposição onde irão se contrapor as máquinas, máquinas desejanter e as máquinas sociais. Se não existem máquinas desejanter fora das máquinas sociais e se as máquinas sociais não existem sem as máquinas desejanter que a povoam, não há formação molecular que não seja por si mesma, investimento de formação molar. Estes dois polos são grandes conjuntos inseparáveis que constituem uma só e mesma produção. É nesta polarização, segundo Deleuze e Guattari, que se articulam dois tipos de operações: a molar-paranoica e a molecular-esquizofrênica. O paranoico maquina massas e não para de formar grandes conjuntos, de inventar aparelhos pesados para o enquadramento e a repressão de máquinas desejanter, enquanto o esquizofrênico passa de um código a outro num deslizamento rápido, não registrando da mesma maneira o mesmo acontecimento. Desta forma, distinguem-se dois polos de investimento libidinal social: o polo paranoico, reacionário e fascista, e o polo esquizoide revolucionário. O trabalho de Deleuze e Guattari no *anti-Édipo* é seguir o fluxo do desejo através de suas maquinações por linhas que, ora integram e param este fluxo, o estrangulam e o fazem retroceder, ora seguem inventando e produzindo novos fluxos, transpondo sempre o muro codificado ou o limite territorial que os separam, quando então as máquinas desejanter constituem as conexões revolucionárias do desejo no campo social.

Ao esboçar o paralelo entre a produção social e a produção desejanter, Deleuze e Guattari irão apontar uma instância intermediária que funciona como instância de anti produção e que está pronta a rebater-se sobre as formas produtivas, constituindo-se como um campo atravessado por eixos e limiares que marcam as transformações, as passagens e os destinos do que nele se desenvolve. Trata-se do corpo sem órgãos, uma fronteira que opera como uma superfície onde as conexões molares e moleculares se repartem e se distribuem, do qual uma face está ocupada pelos conjuntos molares, enquanto a outra está povoada de elementos moleculares. Ele seria um todo improdutivo, uma superfície que serve de suporte para as

conexões que nela se distribuem, sempre a manter com elas uma tensão que as anima. Como nossos autores afirmam:

Portanto, as duas faces do corpo sem órgãos são as seguintes: aquela em que se organizam em escala microscópica o fenômeno de massa e o investimento paranoico correspondente; e aquela em que se agenciam em escala submicroscópica os fenômenos moleculares e seu investimento esquizofrênico. É sobre o corpo sem órgãos, enquanto dobradiça, fronteira entre o molar e o molecular, que ocorre a partilha paranoia-esquizofrenia (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 371).

### **A teoria das linhas**

Se Deleuze e Guattari já identificavam no *anti-Édipo* o corpo sem órgãos como a instância anti produtiva, foi em *Mil Platôs* que, com uma nova teoria micropolítica das linhas, eles puderam descrever como elas, ao atravessar o corpo sem órgãos, desembocam nos elementos moleculares de um puro processo esquizofrênico de desterritorialização, ou saltam e recaem nas territorialidades dos conjuntos molares. Como os investimentos do desejo não param de oscilar de um a outro polo, a tarefa, a partir daí, era analisar essas oscilações para poder intervir localmente em cada situação concreta. É sobre a superfície do corpo sem órgãos que se realizam as experimentações que determinarão como as linhas do desejo irão se comportar. Ao se abrir à conexões, à circuitos, à conjunções, à superposições, a limiaries, à passagens e distribuições de intensidade, ele funciona como um ovo pleno anterior à extensão do organismo e à organização dos órgãos, pois só assim será capaz de aguentar as pressões das intensidades que investem sobre ele. Segundo Deleuze e Guattari, “o corpo sem órgãos é um ovo: é atravessado por eixos e limiaries, por latitudes, longitudes e geodésicas, é atravessado por gradientes que marcam os devires e as passagens, as destinações daquele que aí se desenvolve” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 34). Deleuze já tinha anotado o conceito do ovo pleno em *O método de dramatização* (1967), quando ele pretende dar conta desse esboço ainda não qualificado ou composto, único capaz de suportar as pressões dos dinamismos espaço temporais, apelando à embriologia para descrever os movimentos intensivos que só um embrião pode suportar. Ao recuperarem o conceito em *O anti-Édipo*, Deleuze e Guattari pretendem demarcar a superfície sobre as quais atuam os pontos de disjunção que formam círculos convergentes em torno das máquinas desejantes, onde o sujeito não poderia ocupar o centro, a não

ser que ele fosse um sujeito larvar. As máquinas desejanter funcionariam como forças de atração e repulsão, de ascendência e decadência, produzindo uma série de estados intensivos a partir da intensidade=0 que designa o corpo sem órgãos. Em *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari irão desenvolver o conceito de corpo sem órgãos a partir da articulação entre a noção de estratos e de plano de consistência. O corpo sem órgãos estaria a oscilar entre as superfícies que o estratificam e o plano de consistência que o libera. A dimensão dos estratos pode ser posta ao lado do polo molar das máquinas sociais, enquanto a do plano de consistência se alinha ao polo molecular das máquinas desejanter, contudo é necessário perceber como estes polos se relacionam a partir das linhas que não cansam de fazê-los se pressuporem reciprocamente. De acordo com Deleuze e Guattari, o corpo sem órgãos “oscila entre dois polos: de um lado, as superfícies de estratificação sobre as quais ele é rebaixado e submetido ao juízo, e, por outro lado, o plano de consistência no qual ele se desenrola e se abre à experimentação” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 21). Segundo eles, existem três grandes estratos sobre o corpo sem órgãos que precisam ser desarticulados: o organismo, a significância e a subjetivação. Eles seriam responsáveis pela sujeição do corpo, pela inteligibilidade da interpretação e pelo rebatimento do sujeito. Caberá, então, desfazer o organismo, descolar a significância da alma e descolar os indivíduos dos pontos de subjetivação. Em *O anti-Édipo*, o corpo sem órgãos é tomado como um último resíduo de um *socius* desterritorializado atravessado por linhas que ora irão codificar, inscrever, registrar, canalizar, regular, ora irão descodificar, desregular e fazer fugir os fluxos desejanter.

Assim, a tarefa da esquizoanálise seria desfazer as territorialidades e as reterritorializações, tomando o processo esquizofrênico a partir de sua capacidade revolucionária de criar uma terra nova. O puro processo esquizofrênico como saída revolucionária implica a prudência necessária para que essa linha que ultrapassa o muro não se transforme em linha de abolição ou linha de morte. Deleuze e Guattari insistem em associar o molar e o molecular com linhas de integração (paranoicas, significantes e estruturadas) e com as linhas de fuga (esquizofrênicas, maquínicas e dispersadas). Enquanto os investimentos molares eram identificados como tipos de investimentos sociais com tendências reacionárias e fascistas, aos investimentos moleculares associados aos movimentos esquizofrênicos eram atribuídas tendências revolucionárias. Contudo, estes movimentos moleculares que desfazem

os estratos e liberam linhas de fuga exigem um cuidado e uma delicadeza uma vez que eles mesmos podem gerar uma molecularização de cunho fascista ou um violento desprendimento dos estratos que levem a uma catástrofe. Deleuze e Guattari fazem questão de chamar a atenção em *Mil Platôs* de que o pior não é permanecer estratificado, organizado, significado, sujeitado, mas precipitar os estratos numa queda suicida.

Arrancar a consciência do sujeito para fazer dela um meio de exploração, arrancar o inconsciente da significância e da interpretação para fazer dele uma verdadeira produção, não é seguramente nem mais nem menos difícil do que arrancar o corpo do organismo. A prudência é a arte comum dos três; e se acontece que se tangencie a morte ao se desfazer do organismo, tangencia-se o falso, o ilusório, o alucinatório, a morte psíquica aos se furtar à significância e à sujeição (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 22 e 23).

Um corpo sem órgãos que quebrasse todos os estratos se transformaria num corpo de nada, num processo de autodestruição pura sem outra saída que não a morte. Por isso, Deleuze e Guattari já afirmavam em *O anti-Édipo* que o esquizo não é revolucionário, mas sim o processo esquizofrênico, do qual o esquizo é apenas uma interrupção, uma experimentação malsucedida ou uma linha de abolição. O processo esquizofrênico não é uma doença nem um “desmoronamento”, mas uma abertura que leva os fluxos a transpor o muro e o limite que os separam da produção desejante. Outro ponto importante a ser ressaltado é que o corpo sem órgãos pode ser estratificado e tornado um organismo canceroso devido a uma velocidade de sedimentação precipitada num estrato que faz com que ele perca sua capacidade de articulação e forme um tumor específico. Assim, não bastaria distinguir os copos sem órgãos plenos sobre o plano de consistência e os corpos sem órgãos vazios sobre os destroços dos estratos, mas deve-se considerar, também, os corpos sem órgãos cancerosos engendrados por uma estratificação violenta de um fluxo molecularizado. O exercício que se coloca é o de saber separar os corpos sem órgãos plenos dos corpos sem órgãos vazios e dos corpos cancerosos. Entender a criação dos diferentes tipos de corpos sem órgãos passa pela compreensão dos tipos de segmentaridade que os atravessam. Em *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari irão diferenciar três tipos de linhas que se inscrevem num corpo sem órgãos. Segundo eles, a tarefa última da esquizoanálise seria identificar cada tipo de linha em sua imanência mútua, destacando-as e participando ativamente dos seus traçados: as linhas molares ou duras, as moleculares ou de segmentação maleável e as linhas de

fuga. Ao final, identificar cada tipo de linha ajudará a lidar com os corpos sem órgãos cancerosos, com os corpos sem órgãos vazios, assim como dar conta de um corpo sem órgãos pleno onde se instalam as linhas de fuga revolucionárias. Em termos da tarefa da esquizoanálise, Deleuze e Guattari afirmam:

A esquizoanálise não tem outro objeto prático: qual é o seu corpo sem órgãos? quais são suas próprias linhas, qual mapa você está fazendo e remanejando, qual linha abstrata você traçará, e a que preço, para você e para os outros? Sua própria linha de fuga? Seu CsO que se confunde com ela? Você racha? Você rachará? Você se desterritorializa? Qual linha você interrompe, qual você prolonga ou retoma, sem figuras nem símbolos? (DELEUZE, GUATTARI, 1996, p. 77).

As linhas molares são as linhas que codificam os territórios através das máquinas binárias que organizam o fluxo do desejo, tanto no nível dos grandes conjuntos, quanto no nível dos pequenos grupos. Elas não param de vedar, de obstruir, de barrar as linhas de fuga. As linhas duras operam a organização dual dos segmentos fazendo coincidir em suas representações os significantes com seus significados, que desembocarão em distribuições binárias do tipo sexo, classe social ou gerações. A segmentariedade molar passa por uma máquina de sobre codificação que constitui o espaço homogêneo e “traça segmentos determinados em sua subsistência, sua forma e suas correlações” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 89), mobilizando regras para demarcar cada segmento de forma determinada. Se em *O anti-Édipo* Deleuze e Guattari irão destacar o polo molar-paranoico e o polo molecular-esquizofrênico, em *Mil Platôs* a descrição do funcionamento destes polos através do traçado das linhas permite compreender o modo como os dois planos estão imbricados e como estas linhas se embaralham. Deleuze e Guattari chegam até a dizer que melhor seria reservar a palavra “linha” e “segmento”, para a organização molar e buscar outras palavras para definir as outras composições.

No que tange às linhas de fuga, Deleuze e Guattari as colocam como sendo as primeiras por sua desterritorialização absoluta, de onde se deve partir. Elas não fogem do mundo, mas fazem o mundo fugir. Mas é nelas, exatamente, que residem os maiores perigos, quando elas ricocheteiam no muro, recaem em um buraco negro, tomam o caminho da grande regressão ou refazem os segmentos mais duros ao acaso de seus desvios. “Do ponto de vista da micropolítica, uma sociedade se define por suas linhas de fuga, que são moleculares. Sempre vaza ou foge alguma coisa, que escapa às organizações binárias, ao aparelho de ressonância, à máquina

de sobre codificação” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 98). Em *O anti-Édipo*, Deleuze e Guattari relacionavam as linhas de fuga ao polo esquizo-revolucionário, na sua busca de ultrapassar limites e fronteiras e de fazer passar os fluxos desterritorializados do desejo. Tal investimento esquizofrênico comandaria uma determinação totalmente distinta de Édipo e da família, na perspectiva de um campo social que não se fecha nem se assenta, mas que ao contrário é percorrido por intensidades que “que mergulham e tornam a mergulhar nos fluxos torrenciais ou rarefeitos de um cosmo histórico, de um caos histórico” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 368). Já em *Mil Platôs*, veremos que entre as linhas molares e as linhas de fuga operam as linhas moleculares. Ora elas mergulham nos estratos e codificam os fluxos, ora fazem as linhas de fuga se desprenderem deles. As segmentariedades maleáveis procedem ora por desterritorializações relativas, ora por reterritorializações que bloqueiam e remetem a linha dura. “É curioso como a segmentariedade maleável está presa entre as outras duas linhas, pronta para tombar para um lado ou para o outro — essa é a sua ambiguidade” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 79). Ao mesmo tempo que as linhas maleáveis desfazem as concreções da linha dura, elas reconstituem em seu nível tudo aquilo que desfazem. “É certo que as duas linhas não param de interferir, de reagir uma sobre a outra, e de introduzir cada uma na outra uma corrente de maleabilidade ou mesmo um ponto de rigidez” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 68). É na combinação dos três tipos de linhas que o corpo sem órgãos será atravessado, assumindo sua forma própria.

Indivíduos ou grupos, somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não têm a mesma natureza. São linhas que nos compõem, diríamos três espécies de linhas. Ou, antes, conjuntos de linhas, pois cada espécie é múltipla. Podemos nos interessar por uma dessas linhas mais do que pelas outras, e talvez, com efeito, haja uma que seja, não determinante, mas que importe mais do que as outras... se estiver presente. Pois, de todas essas linhas, algumas nos são impostas de fora, pelo menos em parte. Outras nascem um pouco por acaso, de um nada, nunca se saberá porquê. Outras devem ser inventadas, traçadas, sem nenhum modelo nem acaso: devemos inventar nossas linhas de fuga se somos capazes disso, e só podemos inventá-las traçando-as efetivamente, na vida (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 76).



## O plano de imanência como dispersão molecular

A descrição de diferentes tipos de segmentariedade realizada em *Mil Platôs* reorienta o eixo conceitual que fazia orbitar em torno dele em *O anti-Édipo*, a oposição entre os investimentos de desejo paranoico e esquizofrênico e os desdobramentos que se fazia a partir daí, que queriam dar conta do potencial de desterritorialização e descodificação do investimento esquizofrênico como uma política revolucionária, contrapondo-se a uma política fascista, paranoica ou reacionária. O projeto de *O anti-Édipo* queria dar conta dos fluxos desejantes, da forma como funciona num esquema maquinal, onde o desejo não deveria ser visto como falta, mas sim como uma produção. Neste sentido, caberia descrever a energia desejante aliada aos investimentos esquizofrênicos e a sua fuga, contra as quais se oporiam coordenadas limitativas e mutiladoras, entre as quais o familiarismo edípico era um dos exemplos de sua codificação. O que Deleuze e Guattari querem em *O anti-Édipo* é apresentar a relação entre as máquinas desejantes e as máquinas sociais, as codificações, sobre codificações e descodificações que acontecem ao longo do fluxo do desejo. O que fazem Deleuze e Guattari em *O anti-Édipo* é sinalizar o investimento esquizofrênico como única via revolucionária possível, capturando como sentido próprio e imanente do desejo a produção da linha de fuga, assim como, descrever as interrupções desse fluxo a partir de linhas reacionárias a operar sobre as máquinas sociais. Não há ali um detalhamento de como se dariam esses processos, o que só surge posteriormente na empreitada de *Mil Platôs* através da descrição micropolítica dos três tipos de segmentariedade. É exatamente a partir da identificação do perigo representado pela linha de fuga que não fuja até o seu limite revolucionário que se chegará em *Mil Platôs* às formas reacionárias construídas sobre os corpos sem órgãos cancerosos. A proliferação de linhas moleculares, ao invés de fazer as linhas de fuga se desprenderem dos estratos, cria um processo de reestratificação fazendo do estrato que deveio proliferante um tumor que ali se forma e que não cansa de proliferar.

Se os estratos dizem respeito à coagulação, à sedimentação, basta uma velocidade de sedimentação precipitada num estrato para que ele perca sua figura e suas articulações, e forme seu tumor específico nele mesmo, ou em tal formação, em tal aparelho. Os estratos engendram seus CsO, totalitários e fascistas, aterrorizadoras caricaturas do plano de consistência. Não basta então distinguir os CsO plenos sobre o plano de consistência e os CsO vazios sobre os destroços de estratos, por

desestratificação exageradamente violento. É preciso considerar ainda os CsO cancerosos num estrato tornado proliferante (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 26).

Na medida em que as três linhas se conjugam imanentemente é possível, a partir dessa nova perspectiva, perceber como os fascismos não se definem apenas pelas suas codificações molares de um aparelho de Estado particular, pois, se por um lado a segmentariedade molecular é capaz de desfazer a concreção da dura, por outro ela é capaz de reconstruir microformações fascistas, uma vez que a linha maleável tome o caminho da grande regressão refazendo os segmentos mais duros com células cancerosas que não param de proliferar. De um outro modo, as linhas maleáveis escavam buracos negros que funcionam como vírus que se adaptam às mais diversas situações. Para que o Estado fascista se instale é necessário a persistência de microfascismos que lhe dê um meio de ação sobre as massas e de penetrar em todas as células da sociedade. As segmentariedades moleculares tornam o corpo canceroso como um movimento de massa para além de um organismo totalitário. Por ser uma potência micropolítica ou molecular é que o fascismo se torna tão perigoso como um movimento de massa ou um corpo canceroso, e não como um organismo totalitário. O copo sem órgãos, então, pode ser tomado como a superfície onde se efetuam as codificações e as descodificações do desejo. Lugar do embaralhamento das segmentariedades, dos traçados das máquinas desejantes e das máquinas sociais, mantidas pela tensão entre o funcionamento maquínico e sua instância improdutiva.

A grande linha chega ao corpo sem órgãos e aí, ou passa o muro e desemboca nos elementos moleculares onde ela devém na verdade o que já era desde o início, processo esquizofrênico, puro processo esquizofrênico de desterritorialização; ou então, ela emperra, salta, recai nas territorialidades mais miseráveis do mundo moderno, ordenando-se como simulacros dos planos precedentes, de modo a grudar-se no conjunto asilar da paranoia e da esquizofrenia como entidades clínicas, nos conjuntos ou sociedades artificiais instaurados pela perversão, no conjunto familiar das neuroses edipianas (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 372).

O que Deleuze e Guattari irão propor, então, será seguir as organizações dos fluxos, suas consumações e disjunções, no intuito de garantir a fluidez num movimento revolucionário do processo desejante. Seguir este fluxo implica localizar cada interrupção, codificação e descodificação do processo desejante e de sua

máquina territorial. Foi seguindo este fluxo que eles chegam na caracterização das três grandes máquinas sociais. Se as duas primeiras operam pela codificação e sobre codificação dos fluxos, a máquina capitalista se instala na descodificação e desterritorialização dos fluxos de trabalho, da produção e do consumo. O capitalismo tenderia, então, a um limiar de descodificação que desfaz o socius em proveito de um corpo sem órgãos e que libera sobre este corpo os fluxos do desejo num campo desterritorializado, o que o faz se aproximar do seu limite, que seria propriamente um limite esquizofrênico. A partir da ideia de que o circuito desejante é constituído por fluxos distribuídos por máquinas, a máquina capitalista é a única máquina social que se construiu como tal sobre fluxos descodificados, substituindo os códigos intrínsecos por uma axiomática das quantidades abstratas em forma de moeda. A máquina capitalista opera a conjunção de todos os fluxos desterritorializados que faz do capital o novo corpo pleno e social. Isso só é possível pelo modo como a produção da máquina capitalista engendra mecanismos de anti-produção que mantém o regramento de toda a produtividade dos fluxos em todos os níveis do processo. Só a anti-produção é capaz de realizar o fim supremo do capitalismo, que é produzir a falta nos grandes conjuntos, de introduzir a falta onde há sempre excesso, pela absorção que ela opera de recursos superabundantes. Haveria alguma saída desse processo capitalista que representasse uma via revolucionária? Deleuze e Guattari respondem apelando para Nietzsche, afirmando que haveria de “acelerar o processo”, ou seja,

(...) ir ainda mais longe no movimento do mercado, da descodificação e da desterritorialização, pois talvez os fluxos ainda não estejam suficientemente desterritorializados e suficientemente descodificados, do ponto de vista de uma teoria e de uma prática dos fluxos com alto teor esquizofrênico (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 318).

O processo esquizofrênico como um fluxo revolucionário não se confunde com a produção esquizo como entidade clínica. Ele é um processo maquínico que se inserindo no campo social provoca deslocamentos e novas conexões, efetuando o processo e não o fazendo girar no vazio. Trata-se de levar a desterritorialização ao seu limite, ultrapassá-lo e alcançar uma nova terra. Se a máquina capitalista não para de desterritorializar e descodificar, sua axiomática administra os fluxos de forma a conjurar a linha de fuga que os atravessa. Maquinar um fluxo revolucionário implica em fazer com que as linhas de fuga se libertem da axiomática capitalista,

atravessem o muro, saiam dos buracos negros e atinjam uma desterritorialização absoluta. Levar ao absoluto a desterritorialização relativa do capital, suprimindo-o enquanto limite interior, chegando a uma nova terra e a um novo povo, o povo que falta. As linhas de fuga se tornam revolucionárias quando são capazes de traçar uma conexão com o que há de real aqui e agora, em todas as novas lutas relançadas sempre que as precedentes são traídas. “A revolução é desterritorialização absoluta no ponto mesmo em que esta faz apelo à nova terra, ao novo povo” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 131). O solo desta nova terra é um solo em ebulição de onde desprendem-se reivindicações minoritárias de um povo bastardo, anárquico, nômade e irremediavelmente menor em seu acontecimento intempestivo. Terra reconectada com o cosmos através de uma máquina que extravasa todo fluxo e libera as forças antes relacionadas nas formas molares de uma máquina social, forças que possam ser recombinadas em proveito de uma instituição revolucionária do próprio desejo. Neste sentido, a esquizofrenia é o limite exterior do próprio capitalismo, que trata de combinar as forças a partir de sua axiomática que opõe sempre novos limites interiores à potência revolucionária dos fluxos descodificados. A esquizofrenia não seria a identidade do capitalismo, mas sim sua diferença, seu desvio e sua morte. Para isto seria necessário, segundo Deleuze e Guattari:

(...) libertar, em todos os fluxos, o movimento esquizoide de sua desterritorialização, de tal maneira que esse caráter já não possa qualificar um resíduo particular como fluxo de loucura, e afete também os fluxos de trabalho e de desejo, de produção, de conhecimento e de criação na sua mais profunda tendência (..) até que a terra devesse tornar-se tão artificial que o movimento de desterritorialização crie necessariamente por si mesmo uma nova terra (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 425).

O que Deleuze e Guattari perseguem é um plano de imanência que se define como o corpo sem órgãos, não confundido com nenhum tipo de subjetividade, mas se afirmando como uma hecceidade ou uma individuação sem sujeito, acontecimento que não se limita a nenhuma pessoa, coisa ou a nenhum dispositivo de poder, mas que se afirma enquanto zona de intensidade. É sobre o corpo sem órgãos que os agenciamentos se fazem e se desfazem e é ele que traz as pontas de desterritorialização dos agenciamentos, ou as linhas de fuga. O corpo sem órgãos se opõe a todos os estratos de organização e às organizações de poder. Este plano se opõe ao plano transcendente de organização e é nele que operam os fluxos moleculares que produzem os estratos a partir das codificações e máquina

revolucionária a partir dos diagramas das linhas de fuga. O corpo sem órgãos é da ordem dos microdados do diagrama como plano de imanência. Como um investimento do polo esquizofrênico-revolucionário que recorta os interesses de classes e faz correrem fluxos capazes de romper as segregações e aplicações edípianas, as máquinas desejantes fazem delirar as raças e inflamam os continentes, atravessam o muro e saltam sobre os buracos negros e levam os fluxos a uma desterritorialização absoluta, ao mesmo tempo como um investimento do polo paranoico que incide sobre estruturas molares que subordinam as moléculas e recrudescem o movimento. Para que a revolução seja possível, é preciso provocar uma dispersão molecular e fazer como que as linhas de fuga não fiquem no muro ou despenquem no buraco negro transformando-se em linhas de abolição. Considerando que os fluxos desejantes oscilam sempre entre dois polos, ora com suas cargas reacionárias, ora com sua potencialidade esquizofrênica, importa perceber de onde virá a revolução ou, por outro lado, de onde virá a nova onda reacionária. Se Foucault estava certo ao afirmar que o inimigo estratégico do *anti-Édipo* era o fascismo, é preciso compreender de que modo Deleuze e Guattari identificam esse fascismo que vai além dos estados totalitários que mobilizam os desejos das massas, e como ele descreve: “o fascismo que está em todos nós, que ronda nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que faz gostar do poder, desejar essa coisa mesma que nos domina e explora”.<sup>2</sup> Este fascismo que nos falam os autores do *anti-Édipo* é um desdobramento do desejo e de sua micropolítica em uma linha que depois de se desprender dos estratos do plano de organização mergulha precipitadamente e reestratifica os códigos produtivos, impedindo que a linha fuja e que o regime de produção desejante invista sobre o corpo sem órgãos, plano onde opera a máquina de guerra e onde o desejo é de fato revolucionário. No *anti-Édipo*, por pensar o regime do desejo em dois polos, o paranoico-fascista e o esquizofrênico-revolucionário, Deleuze e Guattari concordam com Reich quando ele afirma que o fascismo exige uma explicação pelo desejo, e que as massas não foram enganadas, mas elas desejaram o fascismo. Para compreender esta afirmação sob a perspectiva das máquinas desejantes, não basta nos aproximarmos da aparente dualidade entre os polos molar e molecular, mas

---

<sup>2</sup> Prefácio à edição americana de *O anti-Édipo. Capitalismo e esquizofrenia*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Foi retomado em *Dits et écrits*, de Foucault (Gallimard). O título é da redação do Magazine Litteraire, onde foi publicado pela primeira vez em francês. Trad. Fernando José Fagundes Ribeiro.

precisamos descobrir de que modo esta máquina funciona e como o desejo pode investir formações paranoicas fascistas ou, ao contrário, fluxos revolucionários esquizoides. “O paradoxo do desejo está em que é sempre preciso levar a cabo uma análise tão longa, toda uma análise do inconsciente, para desembaraçar os polos (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 534). Por isso, a importância da esquizoanálise para se poder analisar a natureza específica dos investimentos libidinais e perceber como o desejo pode ser determinado a desejar sua própria repressão. Assim, é preciso ter em mente que é possível que um investimento inconsciente de tipo fascista, ou reacionário, coexista com um investimento consciente revolucionário, ou ao contrário, que um investimento revolucionário no nível do desejo coexista com um investimento reacionário conforme um interesse consciente. Caberá, então, saber identificar o funcionamento da máquina desejante para que se possa, assim, seguir o fluxo do desejo.

Oscila-se entre as sobrecargas paranoicas reacionárias e as cargas subterrâneas, esquizofrênicas e revolucionárias. E mais, nem sequer sabemos bem como isso gira para um lado ou para o outro: os dois polos ambíguos do delírio, suas transformações, a maneira pela qual um arcaísmo ou um folclore, em tal ou qual circunstância, podem tomar subitamente um perigoso valor progressista. Como isso vira fascista ou revolucionário? Aí está o problema do delírio universal sobre o qual todo mundo se cala (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 346).

### **Considerações finais**

De um a outro polo do delírio existem oscilações do inconsciente e do regime libidinal e isso fica claro quando se vê a maneira como desprende-se dos estratos uma inesperada potência revolucionária e ao mesmo tempo isso vira ou se mantém fascista. Por isso Deleuze e Guattari afirmam que “essas oscilações do inconsciente, estas passagens subterrâneas de um tipo a outro no investimento libidinal, frequentemente a coexistência dos dois, formam um dos objetos principais da esquizoanálise (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 367). Deve-se poder seguir os fluxos moleculares e o modo como eles determinam o trajeto das linhas, compreendendo como elas se desprendem dos estratos, atravessam os muros ou despencam no vazio. Talvez aqui surja a maior dificuldade para compreender esta oscilação do desejo, no ponto onde Deleuze e Guattari afirmam que as linhas se definem como paranoicas e esquizofrênicas não a partir de seus polos distintos, mas pelas faces do corpo sem órgãos, uma vez que tudo se passa sobre ele, sendo o corpo

sem órgãos o plano de imanência. É no corpo sem órgãos como um grande ovo cósmico que proliferam os fluxos e, enquanto uma de suas faces se volta para uma escala microscópica do fenômeno de massa e o investimento paranoico correspondente, sua outra face se volta para os agenciamentos em escala submicroscópica dos fenômenos moleculares e seus investimentos esquizofrênicos. Eles seriam como dois bordos de amplitude de um pêndulo que oscila. Foi só a partir dessa noção de corpo sem órgãos já presente em *O anti-Édipo* que Deleuze e Guattari chegaram ao conceito de microfascismos ou de fascismo molecular elaborado em *Mil Platôs*. Acontece que isso só é possível a partir de uma nova teoria das linhas. Se em *O anti-Édipo* viam-se os dois polos do delírio a partir de uma grande linha que passava pelo corpo sem órgãos e se desdobrava em uma linha de fuga molecular esquizofrênica ou num investimento molar paranoico, *Mil Platôs* irá colocar o problema em termos da existência de três linhas em uma imanência mútua, determinada pela linha molecular que ora foge, ora mergulha nos estratos como linha molar. Já a capacidade da molecularização está a cargo do corpo sem órgãos como plano de imanência onde coexistem as três espécies de linhas misturadas que não só coexistem, mas também se transformam uma nas outras. O corpo sem órgãos é a superfície de molecularização onde as linhas moleculares ora fogem, ora se afundam nos estratos como linhas molares. É no corpo sem órgãos que as linhas se inscrevem como limiares ou quanta, cabendo a esquizoanálise seguir esse fluxo desejante. “As linhas se inscrevem em um corpo sem órgãos, no qual tudo se traça e foge, ele mesmo é uma linha abstrata, sem figuras imaginárias nem funções simbólicas: o real do corpo sem órgãos” (DELEUZE, GUATTARI, 1996, p. 77).

É por pensar o corpo sem órgãos como essa superfície molecular que eles poderão afirmar a realidade dos microfascismos ou dos fascismos moleculares e o seu perigo ao assumir a potência de molecularização. “A segmentaridade maleável não para de desfazer as concreções da dura, mas ela reconstitui em seu nível tudo aquilo que desfaz: micro-Édipos, microformações de poder, microfascismos” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 80). Por conta disso, a molecularização representa um perigo no que se refere ao fascismo. “É uma potência micropolítica ou molecular que torna o fascismo perigoso, porque é um movimento de massa: um corpo canceroso mais do que um organismo totalitário (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 92). Nesse ponto, Deleuze e Guattari tratam o desejo não como uma energia

pulsional indiferenciada, mas como montagem elaborada de altas interações, sendo toda uma segmentaridade flexível a tratar energias moleculares que determinam eventualmente o desejo de já ser fascista. É esse potencial molecular que faz os microfascismos mais perigosos. “É muito fácil ser antifascista no nível molar, sem ver o fascista que nós mesmos somos, que entretemos e nutrimos que estimamos com moléculas pessoais e coletivas” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 93). Retomando Foucault, que ao afirmar que *O anti-Édipo* era um livro de ética, diríamos que Capitalismo e Esquizofrenia, nos seus dois volumes, seria um projeto ético e cartográfico que permite que se navegue a partir dos fluxos desejantes, orientando-nos sob o ponto de vista da micropolítica, uma vez que uma sociedade se definirá pelas suas linhas de fuga, que são moleculares, tomando precauções para que estas linhas não se transformem em tecidos cancerosos ou em linhas de morte, mas que possam atravessar os muros e produzirem a revolução.

## Referências

DELEUZE; Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia. São Paulo: Editora 34., 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs – Capitalismo e esquizofrenia 2 - vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O anti-Édipo – Capitalismo e esquizofrenia 1. São Paulo: Editora 34, 2010.

*Recebido em: 17/12/2022.  
Aprovado em: 07/05/2023.  
Publicado em: 11/07/2023.*